

Mudanças melhoram qualidade de vida

Brasília, diz Schvasberg, teve dois momentos bastante distintos em seus 36 anos: na década de 70, por força do regime militar, a cidade se concretizou como capital do País. Foi o momento da transferência, quase a fórceps da máquina burocrática do Rio para cá. Nos anos 80, sobretudo no final do governo Roriz, surge a Brasília cidade que, praticamente tem os mesmos problemas que outras cidades brasileiras, de transporte, moradia, saneamento, abastecimento de água, etc. “Brasília é o Brasil. Só que a cidade envelheceu prematuramente porque já vive praticamente os mesmos problemas que outras cidades de 400, 500 anos”.

Repetindo Oscar Niemeyer, ele diz: “Você pode até criticar mas, não pode dizer que viu outra igual, nem no Brasil, nem no mundo”. Otimista, o arquiteto tem certeza de que a Brasília cidade, do convívio e da urbanidade vai vencer a Brasília capital, da segregação e do individualismo.

Para isso, confia, está sendo pensado um novo modelo, onde a descentralização e a qualificação dos espaços públicos são fundamentais. O novo setor de crescimento, a chamada zona urbana de dinamização, já está definida e tem como base o eixo Taguatinga-Ceilândia-Samambaia.

Em Taguatinga, Benny já vê sinais

desta flexibilização arquitetônica e urbanística que se quer para substituir a rigidez da concepção inicial. É o Pistão Sul, onde convivem harmoniosamente desde choperias até faculdades, passando por lojas, empresas que prestam serviços, boates, shoppings, etc. De dia, o lugar está vivo, à noite, é o **Point** da garotada.

A proposta do PDOT é adensar este eixo que, no futuro, será uma alternativa para a centralidade do Distrito Federal, competindo com o Plano, mas sem as amarras de ser um centro histórico e patrimônio cultural da humanidade.

“Nossa lógica de planejamento urbano é buscar aproveitar melhor a

infra-estrutura urbana já existente, com qualidade arquitetônica, urbanística e qualificação dos espaços públicos. Adensar não é fazer com que as cidades cresçam perversamente. A qualidade de vida do morador do Plano Piloto deve ser estendida a todas as cidades e a todas as faixas de renda.

A prática da política irresponsável de sair por aí fazendo cidades dormitórios, cidades-satélites, vai ser combatida com o contraponto de completar estas que já existem, qualificá-las melhor e dar um melhor aproveitamento à infra-estrutura já existente. Esta é a qualificação da idéia de adensamento que a gente traz”, conclui. (ARP)